

ES tem identidade?

ROBERTO GARCIA SIMÕES

Quando se fala da identidade do Espírito Santo, a constatação freqüente é a de que ela não é marcante, não é expressiva. Constata-se também que o capixaba não possui características próprias diferenciadoras.

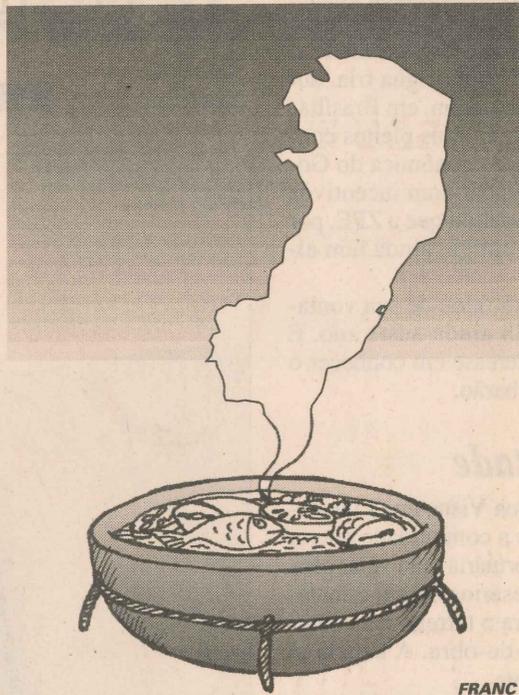
Para motivar a abordagem deste tema, considera-se, inicialmente, as referências que são feitas ao Espírito Santo e ao capixaba quando se tem que apresentá-los a quem nos visita ou quando se trata de despertar o interesse de investidores ou de promotores de turismo e de cultura.

Ainda que não haja uma pesquisa sobre essas referências usuais, pode-se, preliminarmente, mencionar alguns referentes que têm presença garantida nessas apresentações: o Convento da Penha, a moqueca capixaba, Chocolates Garoto, o congo, os colibris, a relação mar-montanha, a localização estratégica do Espírito Santo, os portos, entre outros. Ao mesmo tempo em que se revelam essas imagens, deve-se também considerar aquelas que geram desconforto ao serem reveladas, como a degradação ambiental.

Antes de prosseguir nessa tentativa de resgatar os traços que procuram retratar o Espírito Santo, pode-se perguntar: faz sentido abordar essa temática da identidade no caso de um Estado da Federação ou de um grupo social tendo presente o processo de globalização?

Para o professor Renato Ortiz a identidade é uma construção simbólica que se faz em relação a múltiplos referentes – uma cultura, a nação, uma etnia, a cor ou o gênero. Nesse momento, “A modernidade-mundo coloca à disposição das coletividades um conjunto de referentes – alguns antigos como a etnicidade, o local, o regional, e outros referentes resultantes da mundialização da cultura. Cada grupo social, na elaboração de sua identidade coletiva, deles se apropriarão de forma diferenciada”.

Portanto, a retomada do debate sobre identidade está relacionada à concepção de que a



FRANC

APESAR DA VELOCIDADE DAS TRANSFORMAÇÕES, AS REFERÊNCIAS CONTINUAM A SER REPRODUZIDAS

globalização não pode ficar restrita à homogeneização, à padronização. Ao abordar os “nacionalismos”, Montserrat Guibernau diz que “uma questão crucial, quando se trata do impacto da globalização sobre a cultura, é se estamos caminhando para uma cultura global unitária ou, ao contrário, se a globalização reforçará o poder e favorecerá o florescimento de culturas determinadas”. Para esta pesquisadora “a globalização, quando aplicada à cultura, é

um fenômeno capacitante, assim como coercitivo”. Um outro autor, Krishan Kumar, no livro “Da Sociedade Pós-Industrial à Sociedade Pós-Moderna”, reforça essa tensão assinalada anteriormente: “A universalização e a padronização são apenas algumas das faces da globalização. A outra é a particularização e a diversidade”. Segue dizendo que “Cidades e regiões têm, também, que destacar as diferenças mútuas, têm que acentuar suas peculiaridades de identidade e história – sua herança –, a fim de tornarem atraentes não só para o capital internacional, mas também para o turismo internacional”.

Considerando estas colocações sobre o significado da identidade na globalização, em particular o realce feito à importância da diversidade, é importante recuperar as construções simbólicas deste século que referenciam ou procuram diferenciar o Espírito Santo. Apesar da velocidade das transformações que marcam o Estado nas últimas duas décadas, pode-se dizer que as referências à identidade estadual continuam a ser reproduzidas – sem que tenham sido trabalhadas as alterações provenientes das interações e dos conflitos entre o global e as diferenciações locais.

Pode-se extrair cinco passagens da trajetória histórica do Espírito Santo que influenciam os debates sobre a “identidade capixaba”: a) o longo isolamento, de mais de 300 anos, do Estado; b) o processo de colonização e de miscigenação; c) a sua posição no contexto nacional: Sudeste ou Nordeste?; d) o hipertardado processo de industrialização e urbanização e, por último, o auge da interação comercial com o mundo e da circulação de fluxos de pessoas e mercadorias pelo território estadual.

A partir dessas passagens e do seu entrelaçamento, as observações anteriores feitas sobre a identidade do Espírito Santo e do capixaba continuarão em dois artigos que serão publicados a seguir.